

À POPULAÇÃO



As operárias da CHARMINHA encontram-se em luta há 5 meses, ocupando as instalações, produzindo e vendendo por conta própria.

Em 15 de Maio, o pessoal feminino da CHARMINHA, que se dedica directamente a produzir peças de vestuário, paralizou o trabalho exigindo a demissão da chefe de linha, Rosa Rebelo, por trato incorrecto e por estar implicada nos despedimentos em massa (240) durante os últimos 18 meses. Nesse mesmo dia, partia para a Áustria o gerente, Wilhelm Zankl, que depois de várias evasivas em defrontar o problema ordenou que se mantivesse uma posição firme perante o pessoal e não aceitar a demissão da chefe de linha.

Com o gerente da fábrica no estrangeiro e perante a ameaça de encerramento, as operárias ocupam a fábrica no dia 24 de Maio. O patrão fugido para a Áustria, depois de despedir todas as operárias por carta não deu mais sinal de vida.

Com a gestão da fábrica nas suas mãos, as operárias passaram a vender directamente ao público. A situação não se pode manter assim eternamente, e as dificuldades que têm são inúmeras: É a empresa que em comunicados nos jornais aconselha aos clientes a não pagarem directamente às operárias. São as vendas às lojas que não podem ser feitas a crédito, senão não há dinheiro para as operárias receberem no fim do mês.

O ministério do trabalho deixa arrastar o problema, nada dizendo acerca da nacionalização, sem se preocupar com a situação bastante grave em que se encontram a maioria das operárias:

"Se não houver outra solução o governo tem de tomar medidas para que tenhamos garantido o pão de cada dia", diz uma operária de 35 anos com dois filhos. O marido não pode trabalhar devido a estar quase cego. Sôzinha tem que sustentar a família. Passa 9 horas por dia agarrada ao ferro de engomar. Agora recebe o ordenado mínimo. "Como a fábrica está nesta situação, não podemos receber os abonos da caixa, que vem em nome da entidade patronal. Ora os nossos filhos não têm a culpa do que se passa".

"Vim para aqui porque pensava que tinha um futuro garantido. O meu filho é doente e tenho de o deixar sôzinho. Agora ganho o ordenado mínimo porque anteriormente vencia 8\$60 à hora. Não tenho outros rendimentos senão a pensão do meu marido, que não é nada."

A situação na CHARMINHA arrasta-se. Até agora é nulo o apoio com que têm contado:

- Por parte dos jornais burgueses, foram "notícias" no princípio, quando a coisa era novidade, e logo caíram no esquecimento. Quanto a acompanhar a evolução da luta, a informar acerca do papel do ministério do trabalho e de levar a população a aderir, com isso não se preocuparam os jornais burgueses.

E os sindicatos reformistas? Porventura tomaram a iniciativa de recolherem fundos de greve noutras fábricas, de organizar jornadas de solidariedade às operárias em luta? Os seus dirigentes raramente aparecem na fábrica, e quando lá iam era somente para estar a par da situação. Estes mesmos sindicatos tapam os olhos aos trabalhadores na medida em que procurando limar apenas as arestas mais salientes do capitalismo, enquanto esconderem a questão fundamental que é o antagonismo de interesse entre patões e operários, travam a classe operária na sua luta por uma sociedade sem explorados e exploradores.

Casos de encerramento e abandono da fábrica pelos patrões têm-se repetido frequentemente.

SOGANTAL: (capital francês) As operárias gerem a fábrica à 5 meses vendendo directamente ao público. Os patrões tentaram, sem êxito, roubar-lhe as máquinas com que trabalham.

TEXMALHAS: Devido à greve de um dia o patrão encerra a fábrica, e só deixa entrar quem se submete às suas condições. Apenas foram trabalhar 5 operárias. A situação conserva-se assim há mês e meio.

NATURANA: (capital Alemão) Face às reivindicações das operárias e ao salário de 3300\$ os patrões fecharam a fábrica durante as férias e levaram todas as máquinas para outro local. Apesar de terem conseguido recuperar mais tarde essas mesmas máquinas, as operárias não podem trabalhar pois faltam-lhes peças. A fábrica está parada e as operárias ocupam-na há mês e meio.

Como estes outros exemplos se poderiam dar.

Diz-se que o país vive numa grande instabilidade porque o fascismo pode voltar, que é preciso defender as liberdades democráticas.

Mas o que não se diz é que a instabilidade para os trabalhadores são o encerramento das fábricas, são os despedimentos são a alta de preços, e que essa instabilidade agravar-se-á enquanto se mantiver o domínio do capital.

E como sempre será à custa do suor do povo que os capitalistas, os industriais e os agrários, não-de querer superar esta crise. É o povo quem passa fome com a subida de preços, é o povo que fica sem trabalho depois dos despedimentos em massa. E como se isto não bastasse, ainda multiplicam os partidos burgueses os apelos aos "domingos de trabalho" os "não à greve" dizendo que só assim se salvará a "economia Nacional". Só não dizem que esta economia é a economia capitalista que permite a alguns viverem à custa do trabalho da maioria, e que as crises do capitalismo não terão fim por o povo trabalhar mais, mas a única maneira de lhes pôr termo é destruindo o capitalismo.

APOIEMOS A LUTA DA CHARMINHA COMPRANDO O QUE

AS OPERÁRIAS PRODUZEM:

CAÇAS: 200\$ a 300\$

SAIAS: 280\$ a 320\$

BLUSAS


VENDA SEGUNDA-FEIRA DIA 14, NAS CANTINAS
DE CIÊNCIAS E DA CIDADE UNIVERSITÁRIA

COMUNICADO AOS TRABALHADORES

Mais de uma centena de operárias de uma fábrica de Confeção (a Charminha com sede na Praça de S. Bartolomeu, na Pontinha) não receberam os salários no fim do mês de Maio, em consequência de o administrador ter fugido para o estrangeiro, deixando um cheque sem cobertura para pagamento dos salários.

Este é um caso flagrante da exploração capitalista.

Nas comecemos pelo princípio que estas situações de confronto entre o capital eo trabalho não surgem de modo espontâneo, antes se inserem quase sempre numa tentativa de maior exploração dos trabalhadores.

Em 15 de Maio, o pessoal feminino da Charminha, que se dedica directamente a produzir peças de vestuário, paralizou o trabalho exigindo a demissão da chefe de linha, Rosa Rebelo, por trato incorrecto e por estar implicada nos despedimentos em massa durante os últimos 18 meses. Nesse mesmo dia, partia para a Áustria o gerente Wilhelm Zankl, que depois de várias evasivas em defrontar o problema ordenou que se mantivesse uma posição firme perante o pessoal e não aceitar demissão da chefe de linha. Passados dois dias, um telefonema de  por parte do Gerente concedia férias àquela empregada para que se mantivesse afastada da fábrica.

Quando regressou, o Gerente deu ordem de despedimento ao técnico de produção, Guenter Drum. No entanto, os trabalhadores, cientes de que aquele elemento sempre tinha defendido os seus interesses, opõem-se ao seu despedimento e perante a ameaça de a fábrica ser encerrada, ocupam as instalações no dia 24 de Maio. No dia 27 o pessoal administrativo é impedido de entrar no local de trabalho e nessa mesma tarde passa também ele a ocupar as instalações. Feito o inventário na altura verificamos a falta de uma máquina de escrever, uma máquina de calcular electrónica, os principais livros de contabilidade, o ficheiro de pessoal, uma carrinha pertencente à firma e que habitualmente era utilizada pelo Gerente, bem como todos os elementos referentes a letras e facturas a pagar. A partir do dia 28, o Gerente fez-se representar pelo advogado Biscoia Pereira que desde esse momento passou a defender os interesses do patronato. No dia 29 fica assente, entre outras coisa, que os ordenados seriam pagos por intermédio de um cheque por procuração de Wilhelm Zankl, no valor de Esc. 285.654\$50 o qual se verificou não ter cobertura e resto também não foi cumprido. Entretanto, o cidadão austriaco fugiu para o

seu país e todos os contactos feitos posteriormente com a Gerência da fábrica, através de Telexes, esbarraram na recusa por parte desta de negociar, tendo sido enviadas cartas de despedimento a vários trabalhadores vindos da Suíça.

Empresa multinacional há perto de dois anos que a Charminha labora no nosso país utilizando a mão de obra feminina em virtude de ser muito mais barata que no estrangeiro. Mesmo assim, devido a uma deficiente administração a fábrica teve nesses dois anos perto de 9.000.000\$00 de prejuízo e nos últimos 18 meses de 1974 foram despedidas mais de duascentas empregadas, quando o total de operárias não excede a centena. Quando o técnico de produção, Guenter Brun, alemão que viveu no Chile antes do golpe fascista chegou à fábrica em Novembro de 1973, a produção desta não ultrapassava as 800 peças mensais, com cerca de seiscentas horas de trabalho extraordinário. Em Março deste ano com o mesmo pessoal e sob a sua orientação, a produção mensal atingia a 5.700 peças sem quaisquer horas extraordinárias.

Para a situação

Neste momento a fábrica continua a laborar. Para conseguirmos o pagamento dos salários organizamos grupos para vender os produtos que fabricamos. Estes grupos Estes grupos deslocam-se a todos os locais de trabalho nomeadamente à porta de fábricas, onde podemos conseguir solidariedade com a nossa luta.

Solidariza-te comprando.

29 de Julho de 1974

Os trabalhadores da Charminha

R. Portugal

CAMARADAS TRABALHADORES:

OS TRABALHADORES DA CHARMINHA -- Como o patrão, ex-oficial na zi, fugiu com o dinheiro dos salários deixando um cheque sem cobertura, tomamos conta da fábrica a 24 de Maio e vendemos nós próprios a nossa produção (confeções).

AS TRABALHADORAS DA SOGANTAL -- Face às nossas reivindicações salariais e de saneamento, o patrão procurou fechar a fábrica, à cerca de 2 meses tomamos conta da produção para podermos subsistir, nós e as nossas famílias, e vendemos a nossa própria produção (fatos de treino).

OS PATRÕES CONTINUAM!

A EXPLORAÇÃO CONTINUA!

A LUTA DOS TRABALHADORES TEM DE CONTINUAR!

SÓ A SOLIDARIEDADE DE TODOS OS TRABALHADORES PODE LEVAR AS LUTAS À VITÓRIA!

CANTO POPULAR

CONVÍVIO DE TRABALHADORES

Apoia a luta:

Charminha - Sogantal

DIA 30, às 21h., na TAPADA DA AJUDA (AGRONOMIA)

Com Fausto, João Queiroz, José Mário Branco, Mário Viegas, Vi torino e outros

Participação da assistência

- Entrada livre

PARA UM FUNDO DE GREVE

CAMARADA:

DISCUTE COM OS TEUS CAMARADAS DE OUTRAS EMPRESAS.

TROCA AS EXPERIÊNCIAS DA TUA LUTA.

AVANCEMOS NUMA FRENTE COMUM DOS TRABALHADORES CONTRA A EXPLO
RAÇÃO!

